

Carla Faour é atriz formada pela Casa das Artes de Laranjeiras. É autora de duas adaptações literárias para o Teatro: *A Força do Destino* (de Nélida Piñon), e *Nenê Bonet* (único romance de Janete Clair – 2008). Estreou em maio de 2008 “*A Arte de Escutar*”, seu primeiro texto original, e por ele foi indicada como melhor autora aos principais Prêmios do Teatro Carioca: Shell, APTR e Contigo de Teatro. O texto também foi traduzido para o inglês e estreou em julho de 2009, em Toronto, Canadá, mesmo ano em que foi transformado em romance e publicado pela editora Agir. Em 2010 Carla esteve e está em cartaz com “*Epheitos Kolaterais*” e “*Açaí e Dedos*”.

PALIMPSESTO - O que te levou a escrever para o palco, e como isso se deu num primeiro momento?

CARLA - Tenho uma história antiga com a escrita. Adoro literatura. Fiz Jornalismo. Mas era uma escritora de gaveta. Escrevia poesia, contos... Intimamente, sabia que em algum momento eu escreveria para Teatro, o que foi acontecendo aos poucos. Comecei fazendo duas adaptações teatrais: adaptei *A Força do Destino*, romance homônimo de Nélida Piñon, e *Nenê Bonet*, único romance da Janete Clair. *A Arte de Escutar* foi meu primeiro texto inédito. Estreei no Rio, na Casa de Cultura Laura Alvim, em 2008, despreziosamente. Mas a peça surpreendeu. Tivemos excelentes críticas, o público compareceu, rolou o famoso “boca-a-boca”, e o espetáculo virou um sucesso. Vieram as indicações aos prêmios de melhor autora em 2008 (Prêmio Shell, Prêmio APTR, Prêmio Contigo de Teatro) e em 2009 a indicação ao Prêmio Qualidade Brasil, como melhor espetáculo de comédia. O texto também foi traduzido para o inglês e montado em Toronto, no Canadá. A partir de uma matéria de jornal, falando sobre a peça, a Editora Agir entrou em contato comigo e me convidou para transformar o texto teatral em romance, o que não é muito comum, geralmente é o teatro que bebe na literatura. Fiquei insegura, pela minha inexperiência, mas resolvi aceitar o desafio. Fiquei bastante satisfeita com o resultado. O livro ficou bem bacana, pude aprofundar o tema da peça, criar histórias novas, investir num formato diferente da peça na transposição para o romance. *A Arte de Escutar*, o livro, está em todas as livrarias.

PALIMPSESTO - Quais as questões e temas que mais te inspiram?

CARLA - Gosto de falar das relações humanas inseridas no contexto atual. Nosso tempo é rápido, veloz, os meios de comunicação são muitos, a distância que separa as pessoas é medida em cliques. Mas toda essa tecnologia, em vez de nos aproximar, talvez tenha nos afastado. Estamos cada vez mais conectados, isoladamente, cada um na sua casa, na sua ilha. Enfim, gosto de pensar as relações e os conflitos humanos, sob essa nova ordem. Tenho também um prazer especial com a palavra. Gosto de trabalhar o texto, a sonoridade das frases, o jogo de imagens... Ah, e sou uma defensora do humor. Isso não quer dizer que sou uma autora de comédias, não é isso. Mas acredito que, quando aproximamos uma lente de aumento sobre as pessoas, vemos o quanto elas são engraçadas mesmo em situações dramáticas. O humor aproxima as pessoas. Gosto de escrever textos em que a fronteira entre o humor e o drama se confundem.

PALIMPSESTO - Quais as dificuldades contextuais (patrocínio, etc.)

CARLA - As de sempre. Gostaria de produzir mais do que produzo. E olha que produzo bastante com os meios que tenho. Mas se houvesse um apoio maior, patrocínios mais constantes, com certeza, faria mais. Acho que a dramaturgia brasileira merece um olhar mais carinhoso. Vivemos um período efervescente. Muita gente boa escrevendo. O teatro é uma arte efêmera e por isso é tão especial. Só vivencia quem está ali, presente. A dramaturgia é a posteridade do Teatro. É o que fica, o legado. Através dos textos teatrais conhecemos nossa história, acompanhamos mudanças sociais, políticas e comportamentais, em diferentes épocas da sociedade brasileira. Às vezes eu fico pensando no quanto de história e “histórias” poderíamos estar escrevendo se houvesse mais apoio aos autores, à dramaturgia. Mas, apesar de ainda termos que avançar muito, eu sou otimista, acho que estamos caminhando. Acho que hoje é melhor do que ontem e amanhã promete.

PALIMPSESTO - Quais os maiores desafios formais para se escrever teatro, numa época em que a ruptura já é o padrão, e às vezes é até banalizada no teatro, na arte e nos meios de comunicação?

CARLA - Muito já foi feito. Muito já foi dito. Rupturas, transgressões, vanguardas... Se você for analisar, pouca coisa pode ser considerada “nova”. Mas essa busca pela novidade não é o que me impulsiona, nem o que me alimenta. Hoje, o teatro que me interessa é aquele que propõe discussões através das histórias. Histórias de gente. Gente, de uma maneira geral, me interessa. Personagens. Bons personagens contam boas histórias. O grande desafio, na minha opinião, é como contar uma boa história “, que pareça diferente, falando sobre os mesmos sentimentos, impulsos e instintos, que movem o homem, desde Shakespeare até os nossos dias. Essa é a grande dificuldade e é aí que conhecemos um autor. Como ele conta sua história. Somos todos contadores de histórias.